REIS – Revista Eletrônica Interações Sociais
v.9 n. 1 (2025) – ISSN 2594-7664
DOI: https://doi.org/10.63595/reis.v9i1.18921
Licença: CC BY-NC-ND 4.0

INTERAÇÕES SOCIAIS

REVISTA INTERAÇÕES SOCIAIS – REIS

A ancestralidade no quilombo: o estar-sendo como resgate do pensamento negro

Matheus da Silva Martins
Matheus Mello da Silva
Ana Luisa Teixeira de Menezes

RESUMO
O presente dossiê é uma reflexão do conhecimento geocultural numa América Latina profunda, desconhecida e negada. Essa América e o estar-sendo são conceitos-chave que nos ajudam a situarmos no município de Rio Pardo, no quilombo Rincão dos Negros, comunidade Jacinta Souza. O estudo objetiva compreender o "estar-sendo" numa perspectiva geocultural situada, analisando suas expressões nas práticas cotidianas e suas relações com território e ancestralidade. A geocultura é um pensamento situado, geográfico, que traz consigo uma história da realidade, fundamentada no significado das coisas e no situado por meio da geografia. Para isso, utilizaremos os pensadores argentinos Rodolfo Kusch e José Alejandro Tasat. Nos aprofundaremos no conceito de "estar-sendo" na perspectiva kuschiana, ligado à vivência do presente. A experiência intercultural no quilombo nos permitiu refletir sobre aspectos educativos do "ser", com foco na espiritualidade.

Palavras-chave
Geocultura; Estar-sendo; Quilombo; Ancestralidade; Interculturalidade.

ANCESTRALITY IN THE QUILOMBO:
THE BEING-BECOMING AS A RECOVERY OF BLACK THOUGHT

ABSTRACT
This dossier is a reflection on geocultural knowledge in a deep, unknown, and denied Latin America. This America and the concept of "being-in-the-life" are key concepts that help us situate ourselves in the municipality of Rio Pardo, in the Rincão dos Negros quilombo, Jacinta Souza community. The study aims to understand "being-in-the-life" from a situated geocultural perspective, analyzing its expressions in daily practices and its relationships with territory and ancestry. Geoculture is a situated, geographical thought that carries with it a history of reality, grounded in the meaning of things and in what is situated through geography. To this end, we will use the Argentine thinkers Rodolfo Kusch and José Alejandro Tasat. We will delve into the concept of "being-in-the-life" from a Kuschian perspective, linked to the experience of the present. The intercultural experience in the quilombo allowed us to reflect on educational aspects of "being," focusing on spirituality.

Keywords
Geoculture; Being-Becoming; Quilombo; Ancestrality; Interculturality.

Introdução

A reflexão em torno da Geocultura possibilita a entrada numa América Profunda desconhecida e negada. Realizamos este encontro ao cursar a disciplina de Seminário Avançado I: Geocultura do Estar-Sendo americana e americano, no Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGEdu/UNISC). Evidenciamos que o estar-sendo negro é possível ao conectarmos com essa América profunda negra, sendo o ponto principal do estar situado com a terra e sua história.

A América profunda e o estar-sendo são conceitos-chave que nos ajudam a situarmos no município de Rio Pardo, especificamente no quilombo Rincão dos Negros, na comunidade quilombola Jacinta Souza. Ao adentrarmos nessa sociedade, sentimos o quão forte e latente é a negação dos negros, dos indígenas, da religiosidade, afro-brasileira, o processo de escravidão e exploração, a colonização e os quilombos, mas, ao mesmo tempo, seu tombamento é fruto de todos esses processos colonizadores. Afinal, o que é um quilombo? A origem da palavra quilombo deriva do bantu.

> A palavra quilombo sustenta-se no termo kilombo, que, em Bantu, pode ser interpretado como pouso. Fica, então, a partir dessa palavra, o convite para que acessemos as letras que se seguem e pousemos atenção especial à Barra de Aroeira, aquilombando-nos para ler e, seguidamente, para fazer valer os direitos dos povos quilombolas. (DIAS, 2022. p. 16).

Os quilombolas são "[...] sujeitos históricos que existem aqui e agora. Quilombos são presentificados todos os dias por pessoas que ocupam terras que, por direito, devem ser tituladas pelo Estado brasileiro" (DIAS, 2022, p. 23). O estar-sendo por meio dessa América profunda mobiliza movimentos de pertencimento e movimentos compartilhantes de vida, história e memórias.

Antônio Bispo dos Santos, pensador quilombola, conhecido como Nêgo Bispo, nos diz que "Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes." No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento" (SANTOS, 2023, p. 22).

A percepção ocorre quando se reconhece o pertencimento à terra como sendo dos habitantes e moradores do quilombo Rincão dos Negros. Este processo de procura envolve geocultura e uma batalha pela resistência e reexistência da comunidade quilombola. A trajetória do quilombo é permeada por uma potência ancestral, sentida e perceptível na terra, nos objetos e no ato de ser quilombola no Rincão dos Negros. Conforme nos dizem,

> No caso da Comunidade Quilombola Rincão dos Negros, a história de lutas, de resistências, as práticas sociais, culturais, econômicas que constituem o presente remetem ao passado e aos significados que esse tem nos indivíduos, nas famílias, na própria Comunidade. (QUADROS; KARNOPP; CADONÁ, 2022, p. 243)

A liderança do quilombo, senhora Joelita David Bittencourt, na sua fala traz muito do contexto histórico, os seus desafios enquanto mulher, negra e liderança quilombola. Enfatiza as fragilidades como uma tomada de consciência, uma forma de mudança e de luta contra estas fragilidades. Sobre a comunidade quilombola, ela encontra-se no processo de titulação em busca de regularização do seu território.

> Comunidade Quilombola de Rincão dos Negros tem seu reconhecimento junto à Fundação Cultural Palmares, na folha n.89 -IC 29.000.00117/2003-30 e no processo no INCRA 54220000398/2005-31. É de fundamental importância a titulação das terras no Quilombo para que outras iniciativas, direitos e políticas públicas possam ser implementadas, potencializando e fortalecendo desta forma o território quilombola, dotado de simbologias e memórias. (QUADROS, 2022, p. 17)

O que caracteriza uma comunidade quilombola? Trata-se de agrupamentos de pessoas que foram escravizadas e seus descendentes, geograficamente isolados, com condições precárias de habitação. São comunidades que emergem da resistência das comunidades negras, tanto rurais quanto urbanas, que resistem aos métodos de exclusão material e simbólica, através de um movimento de contra colonialidade. (QUADROS; KARNOPP; CADONÁ, 2022)

O quilombo também tem seu vínculo com a terra e a religiosidade por meio da igreja e do pavilhão comunitário.

> Através dos relatos dos moradores da comunidade foi possível perceber, também, que a denominação "Rincão dos Negros" está mais diretamente vinculada à área demarcada pelo INCRA para titulação de terra quilombola. Ou seja, a área em que se encontram as Igrejas, a sede/pavilhão e parte do Passo da Taquara (seis residências), ocupando uma área de, aproximadamente, 571,86 hectares. Mas a comunidade quilombola é, na verdade, composta por três "comunidades menores" (também poderiam ser chamadas de "Núcleos"): Passo do Pai Pedro, Passo da Taquara e Rincão dos Guedes. (QUADROS, 2022, p. 44)

Destacamos as duas igrejas localizadas dentro do quilombo, uma destinada aos negros e outra aos brancos. O fato de ser quilombola no século XXI ainda traz consigo horizontes simbólicos que frequentemente evocam um processo de separação e inferiorização dos quilombolas, ou seja, pela vida, ou pelo fato de não terem a terra.

Por meio da vivência e valorização de sua história, representada pelo quicumbi e pelas encenações do período escravista, buscam retratar e estimular reflexões sobre a história e a valorização da ancestralidade negra. A questão da religiosidade e do sagrado, de modo especial, a religião católica, é percebida como religião católica deste quilombo. Desde os tempos da escravidão, isto é, a dona dos escravos, a escravagista, era católica, e por conseguinte, seus

escravos se tornavam católicos e persiste até hoje, pois quando se visita o quilombo, o espaço que congrega a comunidade, ponto de encontro de visita no quilombo é a igreja. Ela tem um valor importante para a vida e comunidade quilombola.

Pesquisar no quilombo é uma atitude intercultural, isto exige estar no campo. No entanto, no instante em que se encontra no campo, podemos ser atravessados por sentimentos de medo, receio e a aceitação de si mesmo e do povo para com o pesquisador. Esse processo de pesquisa é de reconhecimento da história, do campo, das pessoas e suas ancestralidades. Estar no quilombo nos exige um pensar junto com o outro. A partir desta vivência na comunidade quilombola, nos questionamos: O que nos causa estranhamento nesta proposta de pesquisa? E o que nos deixa inquietos? Todos estes questionamentos e inquietações causam um certo medo, e ao mesmo tempo nos mobilizam num processo de caminhada e reconhecimento da valorização da ancestralidade do povo quilombola.

O quilombo carrega um horizonte simbólico e sua ancestralidade. Algumas ações encontram-se separadas e individualizadas, como, por exemplo, as duas igrejas. Na cultura da separação existe uma aceitação da outra, a cultura branca. A história do passado é atual de re-existência por meio de um pensamento contracolonial que nos provoca questionamentos e um desejo de aprofundamento em torno do sentido da religiosidade.

Geocultura do Quilombo Rincão dos Negros: o estar sendo negro e o sentido da religiosidade

A geocultura é um pensamento situado, um pensamento geográfico que propõe movimentos de convivências e uma proposta epistemológica situada. "*Mediante el concepto de «geocultura» Kusch permite la emergencia de un pensamiento radicalmente situado, en fuerte contraposición a las narrativas universalistas del racionalismo occidental* (VILA, 2020, p. 76, *grifo nosso*). Rodolfo Kusch desenvolveu seus estudos a partir de suas inquietações sobre o saber ocidental e a epistemologia do sul. A epistemologia de Kusch considera o ser e o estar, a história, entre outros conceitos (KUSCH, 2020).

Como um pensamento situado, a geocultura traz consigo uma história da realidade, uma história fundamentada no significado das coisas e o situado por meio da geografia. Este sentido reside em um estar e um ser, ou seja, em um estar-sendo epistemológico e geográfico a partir dos saberes orgânicos.

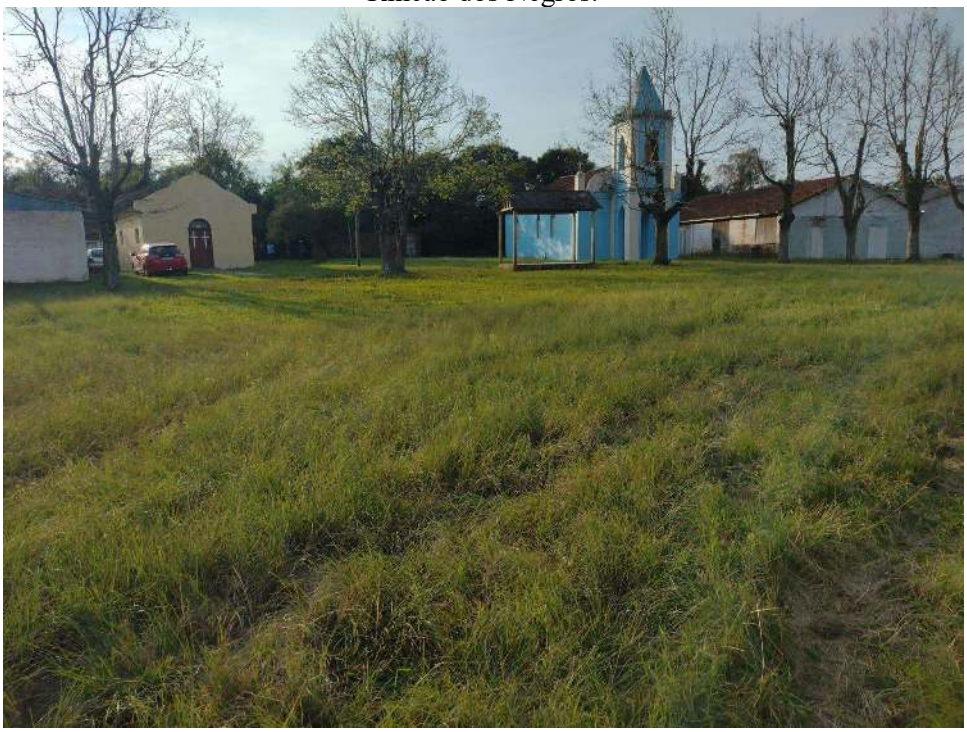
O saber orgânico é um saber contracolonial que se constrói num movimento da vida. Santos nos diz que "todo bioma, todo ambiente, todo lugar nos oferta as condições para viver

ali" (SANTOS, 2023, p. 37 − 38). Valorizar a vida implica cuidar dela, considerando cada pessoa como parte integrante do começo, meio e começo, como um movimento biointerativo que transcende a simples interação humana, e sim, constituindo-se numa relação de vida e respeito à história ancestral. A biointeração é um conceito contracolonizador fundamentado pelo Nêgo Bispo que busca uma confluência entre os seres e saberes. Este conceito se entrelaça a uma proposta de geocultura vinculada à história do povo e sua ancestralidade.

Na singularidade, encontramos a diversidade e a possibilidade de culto ao religioso, ou transcendência. Neste sentido, no quilombo encontram-se duas igrejas católicas em seu território, com suas particularidades e questões históricas próprias, conforme a imagem 1[1]. Joelita, a líder do quilombo, contou-nos sobre a história das igrejas e que na época da doação deste espaço para os negros, os mesmos possuíam cerca de 2 mil hectares destinados para si e suas subsistências. Eram aproximadamente cerca de 80 escravos libertos após a abolição da escravatura, realizados pela escravagista Jacinta Souza.

> Trata-se de uma Comunidade Quilombola que, no presente, está constituída por aproximadamente vinte e cinco famílias, que ocupam uma área de 571,86 hectares de terra, boa parte utilizada para atividades agrícolas, na qual as práticas tradicionais de lida na agricultura estão muito presentes. (QUADROS; KARNOPP; CADONÁ,2022, p. 224)

Imagem 1 – Igrejas católicas Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no território do Quilombo Rincão dos Negros.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

[1] Ponto de vista da esquerda para direita: a primiera igreja, em amarelo é dos negros, já de azul pertencem aos brancos. Cada igreja possui sua própria diretoria e organização. Não é de costume a visitação dos brancos na igreja dos negros e vice-versa.

Segundo nos conta Joelita, Jacinta Souza rezava em comunhão com seus escravos ao entardecer diante de uma cruz feita de madeira de Ypê. Esta cruz encontra-se ainda no quilombo. Como nos diz Jung, "Na religião cristã, a cruz é um símbolo muito significativo que exprime uma diversidade de aspectos, representações e emoções." (JUNG, 2015, p. 91). Portanto, a cruz carrega uma dimensão simbólica e religiosa, como uma vinculação e pertencimento à dimensão sagrada. Ainda nos conta que, após o processo de abolição da escravatura, os escravos libertos optaram por permanecer com a cruz no local e, a partir desse espaço, começou a construção da igreja.

Joelita destaca o quão a cruz se tornou um símbolo de resistência do tempo, pois com o passar dos anos ela não se danificou, mas se solidificou, transformou-se em pedra, material maciço. Logo, "O símbolo da cruz, por exemplo, só pode ser interpretado, no caso de um bom cristão, de maneira cristã, a não ser que o sonho traga razões bem fortes em contrário" (JUNG, 2015, p. 101).

Imagem 2 – Narrativas acerca do simbolismo da religiosidade, espiritualidade e da cruz.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

A edificação da igreja está ligada à experiência da cruz e da comunidade, isto é, cruz-igreja-comunidade. Atualmente, no quilombo, existem duas igrejas em seu território, uma

dedicada aos negros e outra aos brancos, conforme supracitamos. Joelita enfatiza a importância da edificação dessas igrejas, como parte do contexto histórico do quilombo. A igreja dos negros é vista como um espaço de resistência. "As resistências, nesse sentido, também se concretizam por meio da presença da "Igreja dos Negros", expressão de uma forma de organização da vida comunitária e da religiosidade que se constituiu na história individual e coletiva [...]" (QUADROS; KARNOPP; CADONÁ, 2022, p. 241).

A cruz cumpre um papel simbólico e religioso de ligação com um transcendente. Na visão católica, a relação com Deus, uma relação redentora da vida e a morte. Neste simbolismo, a cruz cumpre esse vínculo espiritual e transcendental. Logo, a espiritualidade é um convite para a transcendência, repleta de simbolismos e significados para a existência humana. Assim, a

> Espiritualidade é um termo carregado de significados. Etimologicamente esse conceito está ligado ao termo latino *"spiritus = espírito*" e significa "cheio de espírito" ou "inspirado/animado" - como orientação ou práxis vital intelectual-espiritual" (JUNG, 2015, p.12, grifo nosso).

O surgimento da igreja dos brancos está ligado ao racismo, a não participação e vivência na igreja dos negros. O racismo era tão arraigado que as pessoas brancas não iam à Igreja dos Negros. No quilombo, já existia uma igreja, da qual os negros já participavam e vivenciavam a sua espiritualidade, ritos e preces. No entanto, os brancos não frequentavam este local, não se sentiam integrados a ele. A partir disso, construíram uma igreja para si, para suas orações e vivência comunitária, como demonstramos na imagem 3.

Imagem 3 – Igreja dos brancos.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Quando a igreja dos brancos foi projetada, eles imaginaram um templo belo, robusto, amplo e sagrado, com o objetivo de se tornar uma igreja principal, servindo como um ponto de referência para os habitantes. A ideia seria demolir a primeira igreja, a dos negros, uma vez que é pequena, simples e sem importância, sob uma perspectiva colonizadora e de consolidar seu domínio. Como a resistência foi superior, construíram uma igreja para si mesmos, para não frequentar a igreja dos negros.

Ao ter duas igrejas, houve um impasse e uma manifestação de se ter somente uma igreja no território. Os brancos desejavam que a igreja dos negros fosse destruída, tendo em vista a questão no tempo. Contudo, Joelita nos diz:

> O pessoal local do quilombo resistiu e respondeu: não! Se o objetivo é demolir alguma coisa, precisaremos demolir a mais recente. A mais recente é de vocês. Não, nós não vamos desmontar a nossa. Com esses impasses, as duas igrejas permaneceram no território. Portanto, atualmente, pelo que se sabe, não é possível desmantelar, pois já faz parte da história do quilombo. No entanto, se hoje precisar desmontar, será aquela que é mais nova. Porque, enquanto o quilombo se manter, a igreja continuará existindo.

Observamos aqui a função social e simbólica da igreja como um meio de resistência e persistência, evidenciando a história do quilombo. A nossa igreja é um patrimônio e pertence ao povo quilombola do Rincão dos Negros. Quadros, Karnopp, Cadoná nos dizem que

> Na mesma direção, a religiosidade dos moradores da Comunidade não está somente vinculada à hegemonia do catolicismo desde sua formação inicial. A presença de duas Igrejas, sendo uma a "Igreja dos Negros", além de ser símbolo de religiosidade é símbolo de resistência e de construção da identidade cultural da comunidade, na sua relação com o território local e regional. (QUADROS; KARNOPP; CADONÁ, 2022, p. 241)

Ser quilombola "[...] no Brasil de hoje é costurar a complexa trama de ser único e coletivo ao mesmo tempo. É trabalhar cotidianamente para obter o reconhecimento institucional e ainda investir em profundos mergulhos identitários para uma existência plena, pelo que se é "(DIAS, 2022, p.22). Portanto, existe na própria organização quilombola um aporte singular e coletivo, ao mesmo tempo, pois leva em consideração as dimensões políticas, religiosas, étnico-raciais, entre outras (DIAS, 2022).

Notamos que o ser geocultural é mais amplo e complexo do que somente ser, numa perspectiva colonial, estática parada. Este ser está e é ao mesmo tempo ser, portanto, este *"Ser se liga a servir, valor, poseer, dominar, origen. [...] Estar, en cambio, se liga a situación, lugar, condición o modo* [...]. (GERÓNIMO; TASAT, 2020 p. 26, *grifos nosso*).

Estar-sendo no Quilombo: a Cosmovisão Negra e o Exercício da Interculturalidade

Neste momento, gostaríamos de situar o conceito de "estar-sendo" e compará-lo com a nossa vivência no quilombo Rincão dos Negros. Para entendermos o conceito, utilizaremos as "lentes" do pensador argentino Rodolfo Kusch, que, em sintonia com o trabalho de José Tasat, nos auxilia a entender que o ser proporciona a condição ao ser em sua busca por um lar existencial sempre cultural, ressaltando o ser como um requisito para a possibilidade. A principal ilusão da modernidade é a negação e a invisibilidade, não do outro, mas de sua condição de possibilidade que gera o ser, condição que é negada ao puro ser. Em Kusch, a resposta está no ser, mas este ser não é qualquer ser (KUSCH, 2020).

Na filosofia do ocidente, frequentemente o "ser" é percebido como algo a ser construído, conquistado ou atingido. Está fortemente associado ao conceito de crescimento pessoal e progresso, seja no âmbito material ou intelectual. Por outro lado, o conceito de "estar-sendo" de Kusch está mais ligado a uma maneira de viver o presente, a vivência do ser que não requer justificativas nem realizações externas. Isso se assemelha bastante à concepção de que a autêntica existência não está associada à realização de algo, mas à simples presença no mundo de maneira genuína.

Portanto, na filosofia kuschiana, o "ser" no cenário ocidental está fortemente ligado à subjetividade e à busca por uma identidade pessoal, frequentemente relacionada a um processo de batalha, adaptação ou conquista de um espaço no mundo. Em contrapartida, o "estar-sendo" se refere mais à autenticidade de uma presença, mais ligada à simplicidade de "apenas ser", sem a exigência de justificativas.

O termo "estar" refere-se a uma simples doação ou, ainda mais, a um simples ser. Está relacionado ao conceito de abrigo, residência e à germinação, entendida como o local onde se germina. Segundo Kusch, o enraizamento envolve a procura de um êxito fundador que resguarde a terra da ausência de sentido do mundo. A expressão raízes representa um dos indícios do seu pensamento. Assim como tudo que se refere a raízes, está ligado ao solo. Kusch defende que sem solo não existem raízes e, sem elas, não existe sentido. A geocultura representará um cruzamento entre o pensamento, a cultura e o terreno (KUSCH, 2020).

À vista disso, quando adentramos o quilombo no começo da manhã, o solo exalava um aroma intenso e receptivo de uma natureza que se renova. A primeira percepção foi de um local onde a urgência não é uma realidade. Não existia a pressão das expectativas da cidade, a busca

constante por uma identidade formada ou validada socialmente. Neste contexto, a identidade não é formada, mas revelada. Ao percorrermos o quilombo descalços, em contato com o solo sagrado negro, relembramos a relevância do conhecimento ancestral, a valorização do solo, a preservação da natureza, o som da cantiga negra por meio do “Quincumbi”, a flor que emerge do solo, a sensação de libertação da opressão e do padecimento.

Na medida que nossa imersão ocorria, percebemos que os moradores do quilombo residem em famílias distribuídas pelos hectares remanescentes do quilombo, uma terra carregada de resistência. Quando adentramos a comunidade, nos deparamos com a expressão da mulher negra, combativa, era Joelita, nos acolheu calorosamente. Apresentou-nos o símbolo que representa a história do quilombo, a igreja de Nossa Senhora Imaculada da Conceição. Em comunhão, nos compartilhou toda a sua sabedoria. Com uma voz calma, tudo o que falou parecia profundo e sábio. Cada palavra tinha um peso de conhecimento ancestral, mas também de uma simplicidade desprovida de armas. Ela parecia ser, independentemente de qualquer explicação, algo que está se tornando cada vez mais escasso no mundo contemporâneo.

Neste cenário, o estar-sendo não é uma procura. Não existe pressa para atingir uma condição final de perfeição ou sucesso, como ocorre nas sociedades ocidentais. Ao invés disso, é um modo de ser onde cada ação possui um valor inerente, dispensando a necessidade de validação externa. O vínculo com o planeta é simbólico, como as plantas, os rios e os animais também fazem parte da nossa história, memória e essência. "Estamos aqui porque fazemos parte disso", afirma Joelita, com a experiência de quem lutou pela liberdade e pela manutenção de um estilo de vida simples, porém completo.

De fato, a experiência no quilombo é um constante exercício de desvinculação das armaduras da sociedade contemporânea. O estar-sendo é submetido ao sol, ao calor, ao solo e à água. Parecem distantes as preocupações do mundo exterior. No quilombo, a alienação não tem lugar. O trabalho não se limita ao aspecto físico, abrange também aspectos espirituais e emocionais. Cada atividade, seja arar a terra, educar os filhos ou narrar histórias, são manifestações do ser. Não existe separação entre o que se realiza e o que realmente se é. Ser é agir, e o ato de agir é tão genuíno quanto o de estar vinculado à terra.

A intensidade do trabalho não é determinada por um conceito de produtividade ou eficiência, mas sim por uma ligação com o ciclo natural, com as estações do ano e com o curso do rio. Aqui, não se procura dominar o tempo, mas sim aprender a coexistir com ele, honrando suas normas e seu curso. O conceito de "ser" no quilombo também implica uma valorização da ancestralidade, algo que talvez Kusch denomine uma compreensão mais aprofundada da vida e do ser, mais ligada ao coletivo do que ao indivíduo.

À medida que o dia avançava, o sol nos presenteava, as árvores balançavam ao vento, mas também se intensificava em nós um sentimento de pertencimento. Esta vivência nos levou a uma negação: não éramos seres que nos deslocamos até este lugar para nos transformarmos em algo. Somos pesquisadores negros, descendentes desses antepassados e estamos aqui para permanecer! Da mesma forma que a terra, a água e o vento, também integramos o quilombo. Não somos definidos pelas nossas vitórias ou conquistas, mas sim pela nossa habilidade de viver de forma simples, em um ambiente que nos aceita como somos. Em um quilombo, a experiência de "ser" é uma experiência de integração, onde não há diferença entre estar e ser.

Portanto, nos deparamos com o conceito de ser na filosofia negra, que não é meramente uma teoria abstrata, mas sim uma prática de resistência, de manutenção da memória, de reafirmação da identidade e de luta pela valorização da humanidade negra. Refere-se a afirmar que não estamos parados, estamos ativos e temos o direito de ser reconhecidos. Assim, a filosofia negra é fundamentalmente um modo de viver, marcado por uma interação constante com os demais, com o meio ambiente e a memória. Ela é a voz que perdura no decorrer dos séculos, é o passo firme na rota da batalha. Ela é energia, recordação e realidade. Para nós, a vida também é uma intensa atividade filosófica.

Estar-sendo no Rincão dos Negros a partir de uma geocultura é pensar e ir além do que acontece no cotidiano do mundo e, sim, perceber a importância desta comunidade. É sim, valorar a história e a ancestralidade deste povo, *"Entonces para pensar, en el sentido de pesar lo que acontece, es necesario concebir una fusión entre sujeto y mundo.* (GERÓNIMO; TASAT, 2020 p. 24, grifos nosso)

O povo quilombola é um povo de transformação e de resistência da sua história. Uma ação que transforma a realidade e o próprio povo, valorizando a sua história e a ancestralidade como uma possibilidade de autonomia e emancipação. Portanto, "[...] *Antes que ser sujeto del pensamiento popular y de los procesos de liberación que tienen al pueblo como sujeto principal de la acción transformadora y del pensamiento emancipado*r." (FRESIA, 2020, p. 35, grifo nossos). A terra no quilombo está vinculada ao pensamento geocultural, por meio do estar-sendo

Portanto, ao sentarmos em comunhão, ouvindo Joelita e sua ancestralidade negra, nos remeteu a importância do respeito aos saberes populares e dos povos que foram marginalizados por nossa sociedade, "guardados" num pote escuro, sem "utilidade" para exercer o direito de pensarmos juntos, verdadeira negação de uma cultura para prevalecer o outro lado da história. Aprendemos a pensar, estar e ser negros e valorar todos os saberes e caminharmos juntos, um exercício para a interculturalidade.

Interculturalidade é um tema urgente e necessário, pois mobiliza a reflexão do ser em si e do outro. Quem é aquele outro com a sua história, vida e ancestralidade? A interculturalidade é ancestral e humana. Portanto, "La interculturalidad permite dar cuenta de un problema de legitimidad y de urgencia en el reconocimiento del otro." Na interculturalidade existe o reconhecimento e valorização do outro, como um outro educativo, ou seja, um ser educativo. Neste sentido, a interculturalidade se aproxima de uma educação intercultural. Logo, "Una educación alternativa en clave emancipadora presupone el replanteo actual de una universalidad no violenta" (CIFELLI, 2020, p.142).

A experiência intercultural no quilombo Rincão dos Negros nos permite ponderar sobre os aspectos educativos do "ser" e também sobre a espiritualidade e ancestralidade daquele povo quilombola. Trata-se de um movimento que rompe com o vazio intercultural e nos conduz ao campo de escuta do pensamento negro, quilombola e popular em nossa América negada, em que nos esforçamos para fortalecer e aprender em nossa própria terra (MENEZES, MORETTI, 2018).

Considerações Finais

Na Geocultura, a proposta epistemológica é o estar integrado ao ser. A identidade e o estar-sendo na comunidade quilombola, no ser negro, encontram-se na construção do seu ser no estar, ou seja, onde você está situado vai constituir-se o estar-sendo, negro, quilombola etc. O estar-sendo é um movimento de geocultura que promove a transfluência. Nego Bispo nos diz que "O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma." (SANTOS, 2023, p. 30).

Como proposta de reflexão acerca da geocultura quilombola, o que permanece e nos mobiliza a refletir é a possibilidade de aquilombar, ou seja, uma oportunidade de fortalecer a ancestralidade, a memória do povo quilombola do Rincão dos Negros e que nessa aposta possamos fortalecer o pertencimento à história quilombola e também a dimensão da existência plena. O "Aquilombamento, nesses termos, é um processo cuidadoso de aglutinar pertencimentos e fortalecer as tramas históricas [...]." (DIAS, 2022, p. 23).

Ao nos inserirmos no espaço geocultural proposto, pudemos perceber a importância do pensamento situado para a consolidação de uma identidade como pesquisadores e uma forma epistemológica de fazer pesquisa. A partir dessa reflexão, pudemos acolher e confluir com o quilombo que uma pesquisa, por mais complexa e perspicaz que seja, precisa estar situada no seu devido campo de pesquisa, e o pesquisador, ao mergulhar-se nesse campo, ocorrerá uma

troca, um processo de biointegração entre o campo e a pesquisa, e entre o estar e ser, fato que fortalece suas buscas e inquietações. Esta experiência prática e reflexiva nos amplia o pensamento para um estar sendo negro, que promove o encontro com nossa ancestralidade

A proposta geocultural ajudou-nos a compreendermos como pesquisadores negros o dever que temos com o resgate da nossa ancestralidade, da nossa história e assim firmando o chamado que nossos ancestrais propuseram. O ato de nos situarmos em um solo sagrado, que tragicamente foi demarcado com muito sangue, ajudou-nos a aquilombar nossas reflexões e o presente trabalho.

Em síntese, finalizamos este trabalho com uma frase, muito potente do Nego Bispo, que nos diz que "Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim" (SANTOS, 2023, p.66).

Referências

CIFELLI, Pablo. **Educación y geocultura o el desafío de estar-siendo. Una mirada sobre la crisis educativa moderna desde la filosofía de Rodolfo Kusch**. In. Rodolfo Kusch: *Geocultura de un hombre americano* / José Alejandro Tasat… [et al.]; editado por Victor del Carmen Avendaño Porras; Jaime Roberto Montes Miranda; José Alejandro Tasat; Colección dirigida por José Humberto Trejo Catalán. - 1a. ed. – Chile: Universidad de la Serena; México: CRESUR, 2020.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Aquilombamento** [Ebook] / Luciene de Oliveira Dias. – Dados Eletrônicos (1 arquivo: PDF). - Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

FRESIA, Iván Ariel. **El pueblo es ante todo un símbolo. Kusch, la corriente argentina de filosofía y teología del pueblo.** In: KUSCH,Rodolfo: **Geocultura de un hombre americano** / José Alejandro Tasat… [et al.] ; editado por Victor del Carmen Avendaño Porras; Jaime Roberto Montes Miranda; José Alejandro Tasat; Colección dirigida por José Humberto Trejo Catalán. - 1a. ed. – Chile: Universidad de la Serena; México: CRESUR, 2020.

GERÓNIMO, Federico; TASAT, José A. **Acerca de Rodolfo Kusch.** In. Rodolfo Kusch: *Geocultura de un hombre americano* / José Alejandro Tasat… [et al.]; editado por Victor del Carmen Avendaño Porras; Jaime Roberto Montes Miranda; José Alejandro Tasat; Colección dirigida por José Humberto Trejo Catalán. - 1a. ed. – Chile: Universidad de la Serena; México: CRESUR, 2020. (p. 17-)

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e transcendência: seleção e edição de Brigitte Dorst.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KUSCH,Rodolfo: **Geocultura de un hombre americano** / José Alejandro Tasat… [et al.] ; editado por Victor del Carmen Avendaño Porras; Jaime Roberto Montes Miranda; José Alejandro Tasat; Colección dirigida por José Humberto Trejo Catalán. - 1a. ed. – Chile: Universidad de la Serena; México: CRESUR, 2020.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira. MORETTI, Cheron Zanini. **APRENDENDO OS GUARANI: COM ATRAVÉS DO ENSINO, GEOCULTURA PESQUISA, EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA.** Sinergias - diálogos educativos para a transformação social | janeiro 2018 - n.º 6

QUADROS, Alessandra de. **Memória Social, Agroecologia e Comunidades Quilombolas: uma análise a partir da experiência do Quilombo Rincão dos Negros – Rio Pardo/RS.** UNISC - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. Santa Cruz do Sul. 2022

QUADROS, Alessandra de; KARNOPP, Erica; CADONÁ, Marco André. **Memória e identidade social em Comunidades Quilombolas: uma análise das negociações da memória no Quilombo Rincão dos Negros – Rio Pardo** / Rio Grande do Sul. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de Assis. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 223-245, julho-dezembro de 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer** / Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília, 2015.

VILA, Juan. **La Filosofía Salvaje Apuntes sobre la anti-filosofía de Rodolfo Kusch. In.** Rodolfo Kusch: *Geocultura de un hombre americano* / José Alejandro Tasat… [et al.]; editado por Victor del Carmen Avendaño Porras; Jaime Roberto Montes Miranda; José Alejandro Tasat; Colección dirigida por José Humberto Trejo Catalán. - 1a. ed . Chile: Universidad de la Serena; México: CRESUR, 2020.

Submissão em: 14/03/2025
Aceito em: 27/04/2026

Matheus da Silva Martins

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGEdu/UNISC), na Linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação (LEIE), bolsista PROSUC/CAPES - Modalidade I. E-mail: matheusmartins@mx2.unisc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8881-7781>.

Matheus Mello da Silva

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGEdu/UNISC), na Linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação (LEIE), bolsista PROSUC/CAPES - Modalidade II. E-mail: mello6@mx2.unisc.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1567-1826>.

Ana Luisa Teixeira de Menezes

Doutorado em Educação (UFRGS), vice-líder do grupo de pesquisa Peabiru: educação ameríndia e Interculturalidade, professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e Psicologia da Unisc. Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: analuisatdm@gmail.com e luisa@unisc.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9777-0022>.